

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A PROPÓSITO DAS ANTIGAS MURALHAS DE GUIMARÃES.

CARDOSO, Mário

Ano: 1957 | Número: 67

Como citar este documento:

CARDOSO, Mário, A Propósito das antigas muralhas de Guimarães. *Revista de Guimarães*, 67 (1-2) Jan.-Jun. 1957, p. 207-214.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

A propósito das antigas muralhas de Guimarães

POR MÁRIO CARDOZO,

Correspondente da Academia Portuguesa da História
e da Real Academia de la Historia, de Madrid

O ilustre vimaranense Sr. António de Sousa Vaz Vieira possui dois curiosos desenhos de um troço da antiga muralha de Guimarães, que teve a amabilidade de nos deixar reproduzir nas páginas desta Revista (*figs. 1 e 2*), e que, pelo seu aspecto geral e pela caligrafia e ortografia da legenda que acompanha um desses desenhos (*fig. 1*), devem ser de fins do séc. XVIII ou começos do séc. XIX. Estes desenhos parece terem constituído a documentação topográfica do requerimento feito à Câmara Municipal por um tal Cristóvão Francisco Barroso pedindo licença para construir uma morada de casas, num terreno que pela mesma Câmara lhe tinha sido aforado, situado nas traseiras da Capela da Senhora da Guia, encostado à muralha. Lá se encontra ainda um pequeno prédio (*fig. 3*), que hoje pertence à Capela e serve de sacristia, onde a Irmandade guarda paramentos e outros objectos do culto.

O que os desenhos guardados pelo Sr. Vaz Vieira têm de interessante é reproduzirem edificações e aspectos do local que ainda existem, outros que já desapareceram, ou estão em vias de completa modificação.

Destaca-se nestes dois desenhos, de há cento e cinquenta anos, pouco mais ou menos, o único pano, ainda hoje em pé, dos velhos muros que outrora circundavam toda a vila. Este troço que nos resta da muralha (*figs. 1, 2 e 4*), vai desde a Capela da Senhora da Guia até o actual terreiro onde se projecta colocar a estátua de Mumadona, obra do talentoso escultor Álvaro de Brée.

Infelizmente, este pouco que ainda nos resta dos imponentes muros da nossa terra sofreu já, em tempos

recentes (vai em 32 anos), a afronta de ser destruído em parte, e em parte desviado da sua primitiva directriz. Com a elevação de mais de um metro ao pavimento da rua (antiga estrada de Fafe), ficou então soterrada parte da muralha junto à base, e consequentemente diminuída a sua altura aparente, que segundo a legenda do desenho antigo (*fig. 1*) tinha 8 varas, ou sejam, cerca de 9 metros, e hoje, em sítios, não mostra mais que 5 ou 6. Por outro lado, quando na mesma ocasião foi aberta a actual rua de Nuno Álvares Pereira, perpendicularmente ao troço da muralha, teve esta de ser cortada numa extensão de cerca de 50 metros, e, para rematar o corte, formou-se aí um cotovelo e deu-se ao muro uma nova orientação, a acompanhar parte da nova rua (*fig. 5*). Nesse cotovelo foi aberta uma porta, para favorecer o colégio Internato Municipal (antigo seminário) com uma servidão que primitivamente não existia. Tudo isto servirá de quebra-cabeças a futuros investigadores que um dia se preocupem em reconstituir teoricamente o velho traçado da muralha! Note-se que estas afrontas de há três decénios ao que nos restava da antiga cerca, e que ainda hoje oferece o mesmo interesse dada a grande extensão daquele pano, provocaram vivos protestos na imprensa ⁽¹⁾.

Nos interessantes desenhos a que nos estamos referindo vê-se a chamada *Torre dos Cães*, que já não existe, e era um dos cubelos de flanqueamento deste pano rectilíneo da muralha. Logo adiante, para o norte, havia uma outra torre, essa defensiva da *Porta da Freiria* ou de Santa Cruz, que ficava mais ou menos em frente da Capela desse nome, ainda existente, e dava acesso ao interior da vila através da viela do Sabugal. Para aquém da Torre dos Cães erguia-se a *Torre da Senhora da Guia*,

(1) Vide o *Comércio do Porto* de 8-2-1925, e o jornal vimaranense *A Razão* de 11 do mesmo mês e ano. Também por essa altura foi distribuída pela cidade uma folha volante, anónima, intitulada «Guimarães saqueada!»; e ainda mais tarde, em 1929, na correspondência de Guimarães para o *Correio do Minho*, de Braga, n.º de 16 de Março desse ano, se protestava contra essas demolições.

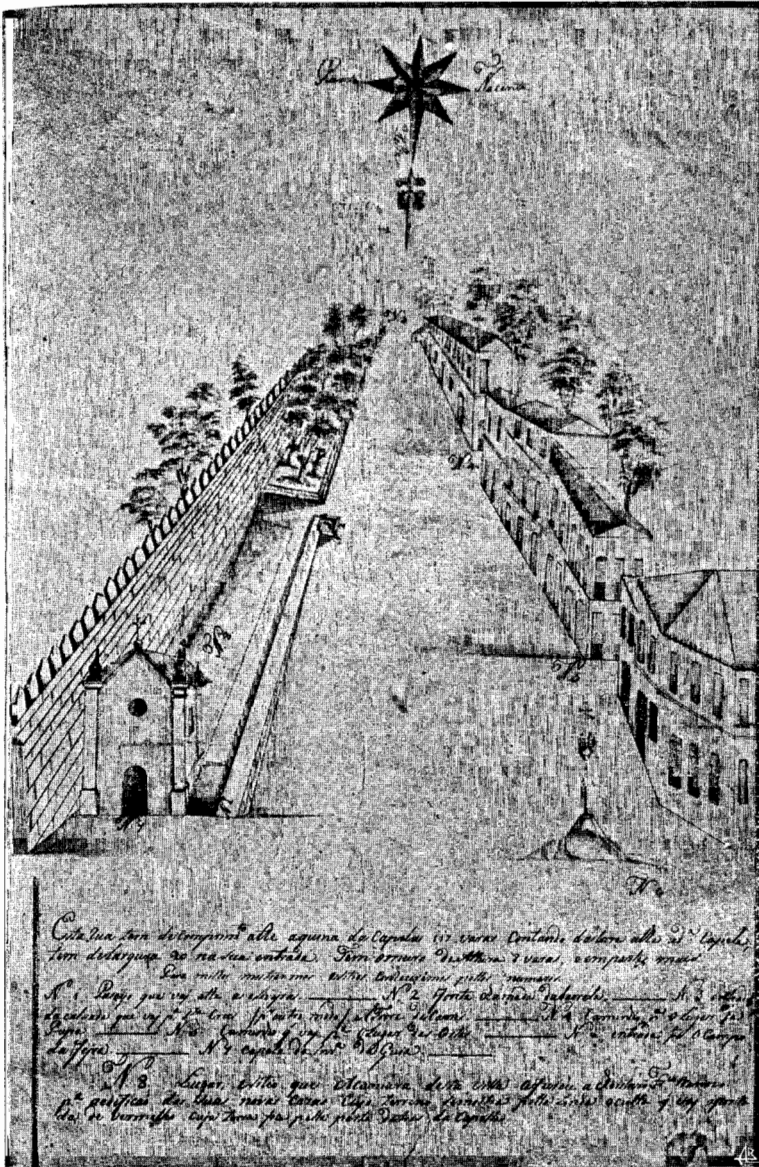


Fig. 1 — Desenho de começos do séc. XIX, mostrando o antigo aspecto da actual rua do Dr. Alberto Sampaio

Legenda :

- Esta rua tem de comprim^o athe aquina da Capela 117 varas Contando da torre athe ad^a capela, tem delargura 20, na sua entrada. Tem o muro de Altura 8 varas, e em partes mais. Para melhor mostrar-mos OsSítios Conhecerén os pellos numaros
- N. 1 Passeijo que vai athe as olivejras. — N. 2 Fonte chamada da dabarrela. —
 N. 3 entrada da calssada que vai p^a S^{ta} Crus / pr outro modo / A Torre dos Caens. —
 — N. 4 Caminho n^o of uoar da Puna. — N. 5 Caminho ò vai n^o olugar das Ortas.

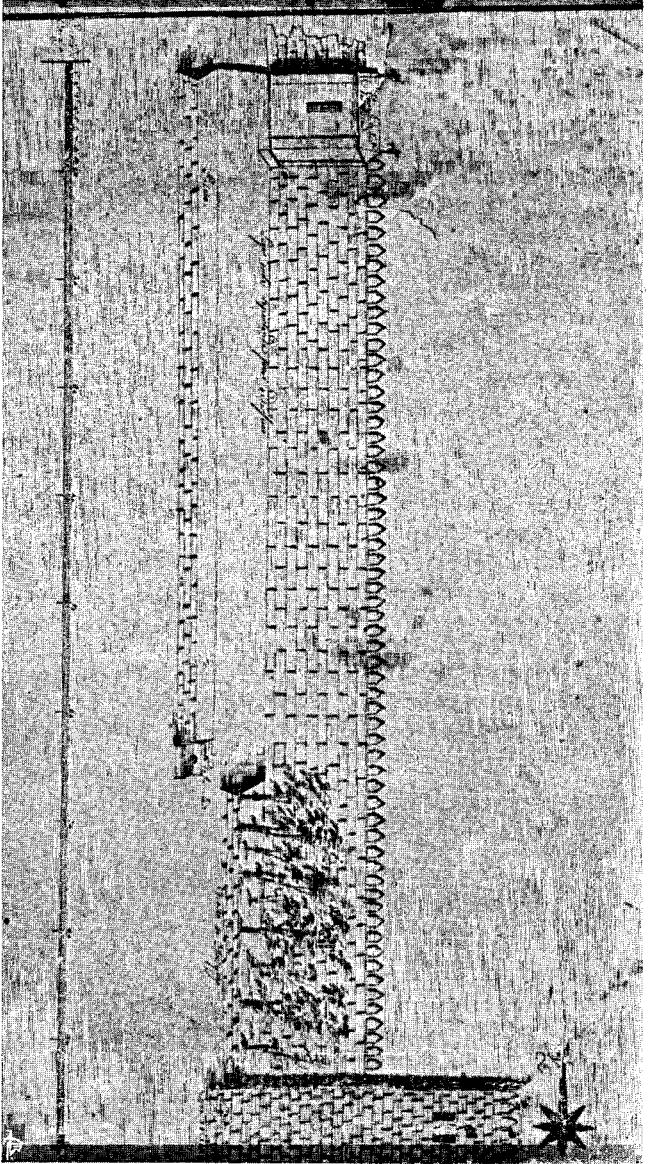


Fig. 2 — Desenho de começos do séc. XIX mostrando o pano de muralha entre a actual Capela da Sr.^a da Guia e a torre dos Caes (demolida).

uma das primeiras demolidas, em 1790 ⁽¹⁾, junto ao chamado *Postigo da Senhora da Guia*, que abria caminho para a *Praça Maior*, ou seja para o Largo fronteiro à Igreja da Colegiada. A seguir, ainda mais para aquém, ficava a *Torre Velha* e outra porta da vila, situada próximo da entrada da actual rua de S. Dámaso.

Em suma: tudo se foi destruindo, aos poucos, torres e muros. A última a vir abaixo foi a *Torre de S. Bento*, ou da Senhora da Graça (*fig. 6*), a qual ficava em frente da entrada da rua de Santa Luzia, actual de Francisco Agra ⁽²⁾. Eram oito as torres que toda a cerca muralhada possuía: a de Santa Cruz, a dos Cães, a da Senhora da Guia,

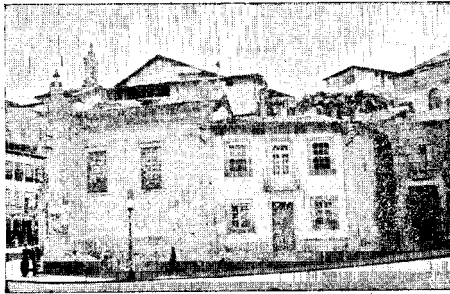


Fig. 3 — *Fachada lateral da Capela da S.ª da Guia e pequeno prédio anexo, que lhe serve de sacristia.*

(1) Vide Mss. de João Lopes de Faria, vol. II de «*Efemérides*», fol. 77 v. (Colecção de Res. da Bibl. da Soc. M. S.): «29 de Abril de 1790: Provisão régia concedendo ao Cabido da Colegiada de Guimarães licença para demolir a Torre de Nossa Senhora da Guia e utilizar-se da pedra da mesma para as suas obras, fazendo na muralha uma porta, por onde passem carros. Já em 18-2-1778 lhe tinha sido concedida outra provisão, mas mais restrita».

A seguir ao prédio edificado nas traseiras da Capela da Senhora da Guia (*fig. 3*), existe uma porta na muralha, que dá serventia para terrenos do Priorado. E junto do prédio onde actualmente está instalada a Caixa Geral de Depósitos existe uma outra. Mas nenhuma delas supomos que seja a que o Cabido foi autorizado a abrir em 1790.

(2) No cit. vol. manuscrito de João Lopes de Faria, encontram-se as seguintes notas referentes à Torre de S. Bento: «16 de Maio de 1795: Aviso régio, passado em Queluz, que concede ao D. Prior a pedra das Torres da Porta da Vila e de S. Bento, para a reedificação da Colegiada igreja, con-

a Torre Velha, a da Alfândega, a da Senhora da Piedade (onde havia a *Porta da Vila*, como ainda hoje se chama ao sítio, apesar de a porta ter desaparecido há muito), a de S. Bento e, finalmente, a da Garrida, com frente para o actual Hospital da Misericórdia. De todas elas só resta hoje uma das faces da Torre da Alfândega, que os visitantes da nossa terra logo encontram pela frente ao descerem a Avenida Afonso Henriques.

Há 35 anos, inserimos nesta Revista (1) um pequeno artigo evocando a Guimarães do passado, ao qual adicionamos uma planta topográfica da cidade, por nós elaborada segundo elementos colhidos nos monógrafos vimaranenses, e mostrando o que a vila de então teria sido, por meados do século xvii. Nessa planta se pode seguir todo o traçado da muralha com suas torres e portas. A propósito, dizíamos nesse ligeiro artigo: «Medite-se por um momento como seria linda e curiosa a cidade, se ainda hoje tivesse erguida aquela cintura de muralhas creneladas, com suas portas armoriadas e altas torres!» (2).

forme já havia sido dada ao Cabido a Torre de Nossa Senhora da Guia para a construção da casa capitular. A da Porta da Vila alagou-se primeiro que a de S. Bento.

«11 de Maio de 1840: Principia a demolição da antiga torre da Senhora da Graça, vulgo Torre de S. Bento, das muralhas da vila. Depois dos pedreiros terem deitado abaixo algumas pedras, esta obra foi embargada pelo Cabido, representado pelo cônego Pinheiro. A Câmara foi quem ordenara a demolição, não só por estorvar o trânsito público, como também por servir de lugar que ocasionava roubos e espancamentos, e torpesas contra a moral».

Vê-se pois que grande parte da culpa da destruição dessas torres que, uma a uma, foram desaparecendo cabe ao Cabido da Colegiada, que se aproveitava da pedra para as suas obras, e também à Câmara Municipal.

(1) Vol. xxxii, 1922, p. 415.

(2) Seria muito interessante que a Ex.^{ma} Direcção Geral dos Monumentos Nacionais mandasse levantar uma planta dos restos que ainda existem da antiga cerca da vila e das suas torres. Alguns desses raros vestígios encontram-se encobertos pelas casas actuais.

Um dos desenhos pertencentes ao Sr. Vaz Vieira (*fig. 1*) mostra-nos também, no primeiro plano, um cruzeiro, que já não existe no local, mas que parece ser o mesmo que hoje se encontra num recanto junto da parede do edificio onde está instalado o Museu de «Alberto Sampaio» (*fig. 7*). Igualmente



Fig. 4 — Capela da S.^a da Guia e pano da muralha representado nos desenhos (figs. 1 e 2). O falso torreão que se vê no começo da muralha é uma condenável construção recente, feita para a instalação de um transformador de energia eléctrica!

nos dois desenhos se vê um pequeno tanque, que na legenda é indicado com o nome de *Fonte da Barrela*, actualmente desaparecida, e que, pela designação, seria por certo um lavadouro público. Outra indicação curiosa dos desenhos é a da existência, nessa época, de um pequeno olival, no terreno encostado à muralha, junto à Torre dos Cães. Os lugares que a legenda menciona, da Pupa e das Hortas, ficavam a nascente da rua, que hoje se chama de Alberto Sampaio. O nome da actual Rua do Dr. José Sampaio substituiu, não vai há

muito, na toponímia citadina, o antigo nome de Rua das Hortas.

Para terminarmos esta breve nota que os curiosos desenhos do Sr. António Vaz Vieira nos sugeriu, nada mais oportuno do que insistir no que em 1922 escreviamos: «... Guimarães linda, de outro tempo, de um tempo que eu não vivi mas que idealizo e recomponho carinhosamente no meu espírito; Guimarães ingénua, com teus muros e torres e conventos, com tuas janelas de crivo, com tuas capelas, oratórios e cruzeiros, com tuas fontes cantantes; Guima-

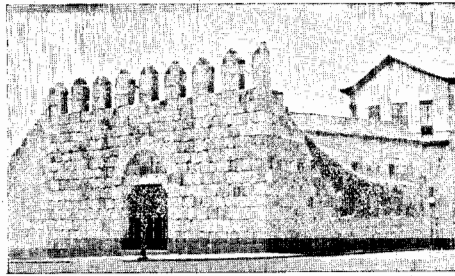


Fig. 5—Deturpação, praticada em 1925, da directriz da muralha, e porta que foi aberta nessa ocasião.

rães do passado, destruída dia a dia...».

É certo que o aspecto geral das cidades não pode quedar-se eternamente o mesmo, para satisfação de simples atitudes contemplativas e evocações românticas do passado: tem necessariamente de

acompanhar a evolução dos tempos, as modificações que o progresso exige, as realizações da técnica moderna, os cuidados da higiene, os novos meios de comunicação, os conceitos artísticos, o conforto doméstico, os novos princípios da urbanização, etc. Mas, no dobar dos séculos, e dentro de quaisquer orientações modernas, cabe e deve sempre estar presente no nosso espírito o respeito por tudo quanto nos fale de um passado histórico, com individualidade própria, e que o camartelo demolidor deverá poupar. Do contrário, caíremos na monotonia de uma arquitectura unicamente funcional e utilitária, que exclui toda a concepção de Arte, e está proliferando por toda a parte, com esses monstruosos

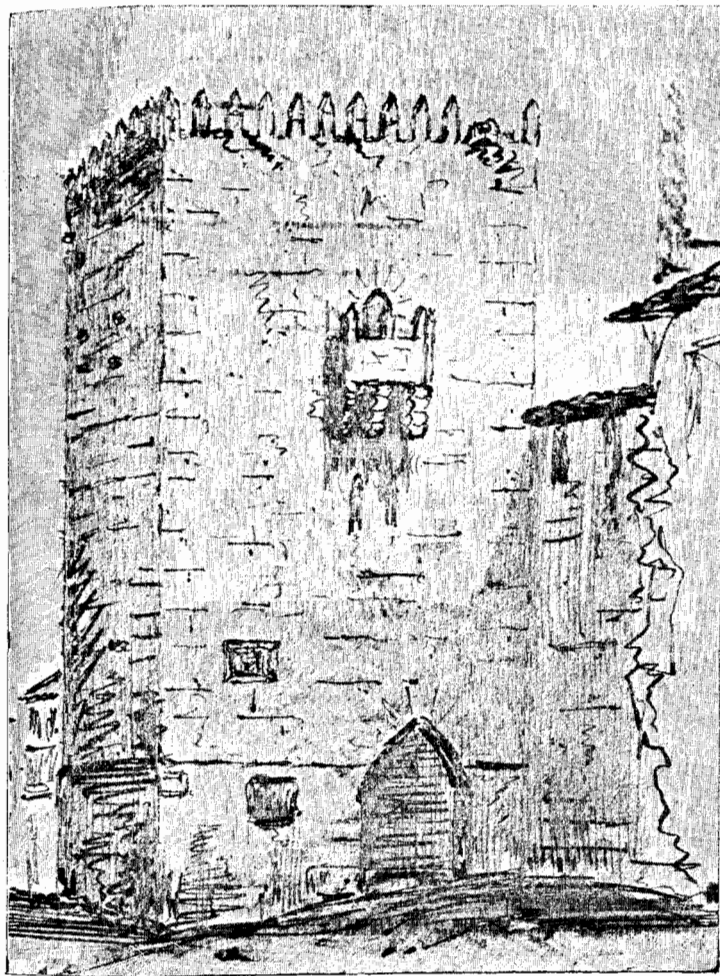


Fig. 6 — *Torre de S. Bento, começada a demolir em 1840.*

(Desenho de um album de viagens de Carlos Van Zeller 1835).

edifícios uniformemente repetidos, semelhantes a grandes sólidos geométricos, e que, interiormente, não passam de acanhados alvéolos em série, para simples *acondiçãoamento* de seres humanos...

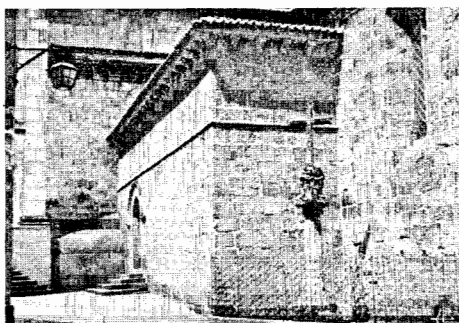


Fig. 7 — Cruzeiro colocado num recanto das paredes do edifício onde está instalado o Museu de « Alberto Sampaio ».